ANO 9.º LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO DE 1930 N.º 2716

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇAO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 152 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

"O Direito á Felicidade"

Nemo, ut opinor, erit mortali corpore cretus. -- LUCRECIO

O sr. dr. Brito Camacho fez ontem, na Sociedade A Voz do Operario, uma notabilissima conferencia em que versou um assunto que pertence ao fundo eterno das aspirações humanas — *O Direito á Felicidade.*

A sua maneira de o tratar — simples, clara, directa, convincente, com algumas digressões e anecdotas escolhidas expressamente para recriar e ensinar, dentro do plano da sua exposição — é possivel que não encante toda a gente, dado que o ilustre conferencista, pouco sensivel á experiencia e á consciencia religiosas, se firmou num terreno contrario ao misticismo e á metafisica.

A religião, no nosso humilde entender, coloca o problema da Felicidade nos limites extremos da razão e do coração, implorando o auxilio da graça, para que nós conquistemos o máximo de vida espiritual, convertendo a miseria, o sofrimento e a propria imperfeição em estimulos para o nosso triunfo — além da morte. Porém, desde que o seu principio fundamental saiu dos labios de Jesus — *Amai-vos, amai-vos uns aos outros,* parecia que a iniquidade e a justiça tinham que desaparecer da face da terra.

Mas o homem é paixão, egoismo, violencia e vontade de dominio — raízes que se prendem na sua alma secular, turvando-lhe as limpidas crenças e obrigando-a a servir a materia, como um principe carregado de cadeias. Debalde os santos bradaram ao poderoso:

— «Sê justo e amoroso com os humildes: dá-lhes não só os teus bens, mas tambem o amor e a paz».

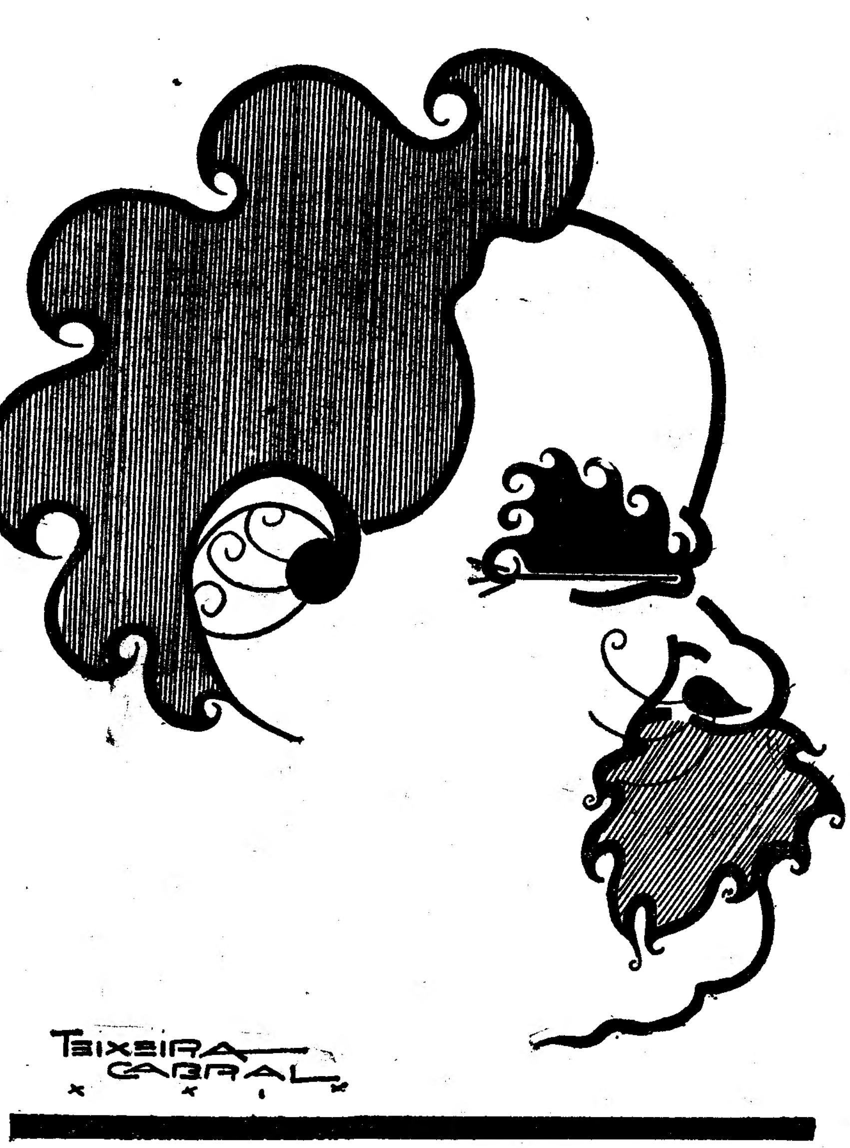
Até hoje o mundo conduziu-se com um deploravel esquecimento de que a dôr que se reparte pelos lares, ceifando vidas e afectos preciosos, encerra um aspecto social, digno de ser estudado e tratado, sob os olhos de Deus, mas por meios inteiramente terrestres e scientificos.

O sr. dr. Brito Camacho disse:

— «Negar ao homem o direito á felicidade é condená-lo a não realizar o seu destino, entendendo-se que essa palavra é, fóra da ordem social, méra expressão verbal, um conceito sem sentido».

Realmente seria absurdo que a sociedade constituida por um poderoso instinto vital, a fim de que todos sejam a garantia de cada um e cada qual a razão de ser da empresa colectiva, se mostrasse incapaz de realizar o «desideratum» justificativo da sua existencia — pôr condições toleraveis para o trabalho e para o pensamento que criam, aquele a riqueza e este a sciencia que organiza o dominio dos elementos e das fôrças naturais. A chamada questão social, que actualmente está em frente de todas as nossas reocupações, demanda, sobretudo da parte de quem governa — acima de odios e interesses mesquinhos — um cuidado vigilante, uma dedicação constante, porque caminhamos, embora lentamente, para um estado de coisas que será pacifico ou tumultuario, conforme os tramites por que se fizer a transição.

O sr. dr. Brito Camacho, que observa atentamente os sinais bem visiveis da nova e profunda metamorfose, além de outros méritos, possui este — não guarda o que sabe no silencio longinquo do seu gabinete. Prefere espalhar a verdade, pondo-a ao alcance dos que não vivem de subtilezas, mas antes de certezas. Não foge á discussão nem á



DR. BRITO CAMACHO

contradição, esperando que, em tôrno das suas proposições, se agite a polemica — educada e inteligente. O sistema do insulto e da ofensa pessoal, como processo de liquidação de adversarios e de crítica de doutrinas, tem os seus dias contados.

O nosso entendimento da religião tal como ela, em fonte viva, palpita nas lições de Jesus — abriga-nos em certas materias a tomar atitudes e a firmar pontos de vista que o sr. dr. Brito Camacho declara inconciliaveis com as suas direcções mentais. Isto não nos impede de lhe prestarmos a nóssa homenagem, mesmo quando reconhecemos que se encontra em polo oposto ao nosso.

Em Portugal, são tão poucos os homens com a coragem e a correcção das suas opiniões que descobrir um e da sua estatura intelectual e moral é caso para tirar o chapeu, numa vénia, á antiga. A sua conferencia sôbre *O Direito á Felicidade* teve para nós o valor de quebrar a monotonia dos lugares comuns e instalar, na sua plena actualidade, uma das promessas mais caras á democracia.

— «A Casa do pobre, sobretudo nos grandes centros de população, é verdadeiramente homicida. Sem ar e sem luz, fica condenada ao mesmo tempo pela higiene e pela moral. A reclamação mais instante, mais imperiosa, mais categorica do proletariado deve ser a duma habitação modesta, mas confortavel, duma casa, em vez duma pocilga». —

Supômos que não haverá gente tão desumana que não aceite estas palavras do sr. dr. Brito Camacho como traduzindo uma necessidade iniludivel de cuja satisfação depende a organização da familia e o futuro da raça. Reservar o bem estar e o confôrto para uns e recusá-lo a outros, invocando argumentos especiosos, tendentes a justificar uma desigualdade que não deriva da natureza, pois lhe é adversa, desfigura a fisionomia de Jesus.

O direito de viver envolve como consequencia inevitavel o direito a trabalhar, a prosperar fisica, intelectual e moralmente, aproveitando-se o necessario para o pão e para o lar, com um suplemento de prazer e alegria. Se assim não fôsse, a sociedade seria uma irrisão, porventura o requinte da barbarie, embora defendida por vates e fariseus.

Na medida em que, com o desenvolvimento da educação tornada o resgate dos infelizes, a fria crueldade de quem recomenda aos outros que se resignem e que admirem a prosperidade alheia, em lugares selectos, fôr desaparecendo, o mundo ha-de mudar de aspecto. A bondade humana não provém, em linha recta, do nosso berço, como queria Rousseau, pois que, ao contrario do que acontece com os animais, nós, *sub specie societatis,* carecemos de formar a consciencia, a alma e a razão.

Se o instinto bastasse, a civilização teria sido uma total conquista do homem primitivo. Porque não é assim, sômos nós obrigados a domar a ferocidade do troglodita com a fraternidade de Evangelho. Guarde cada um para si o que honradamente adquiriu, mas não estenda as mãos fóra do que marca o celebre preceito — *suum cuique.*

O sr. dr. Brito Camacho, propositadamente, cingiu a sua conferencia ao ambito da sociedade, não se permitindo qualquer desvio para os rumos que reputa incertos. O seu «direito á felicidade» reduz-se na essencia ao direito de viver terrenamente — sem perspectivas para o infinito. Cortou-lhe as azas, os sonhos, as quimeras e as rotas misteriosas. Mas agora preguntamos nós:

— Poderá o homem aceitar como boa a sua sorte de se consumir, confortavelmente, á superficie do planeta?

A noção de felicidade, contraída ás proporções duma existencia sem extra-limites, dará satisfação á nossa indole na qual o ceu e a terra se combinam em partes quasi iguais? Este quesito, apesar de haver quem o julga ocioso, nunca deixará de inquietar a humanidade. Após um bem conquistado, outro desperta os nossos desejos. Todas as tentativas feitas até hoje, para aprisionar a nossa alma, em miragens pereciveis, falharam tristemente.

O sentimento do divino tortura-nos: Budha, Socrates, Platão, Descartes e Kant não o venceram, porque foram vencidos por ele. Não brotará mesmo a firme confiança do sr. dr. Brito Camacho, num «vir a ser» mais generoso e liberal, da energia misteriosa imanente no seu espirito, que nos leva a sobrepôr á tirania do facto a desopressão da ideia, á imagem que passa a esperança que não morre?

A conferencia com que fez do seu verbo a voz de duas mil pessoas não prova que, superando o vulgar tempo e o vulgar espaço, introduziu, na ampla sala de «A Voz do Operario», um factor, sem extensão nem medida temporal, que tocou e seduziu as atenções, como se a leis fatais da materia não existissem?

A ansia de felicidade, tão antiga como o mundo, transcende o proprio homem: faz-se tanto maior quanto mais crescemos em realizações.

Qual será a ambição suprema? Viver como Cresus ou morrer como Jesus?

No seu ultimo livro, Irene Nemerovsky apresenta-nos um judeu estupendo, David Golder, que ama o dinheiro, com a impressão de atingir o Nada, pois que trabalha, até á hora de morrer, para enriquecer uma criatura, viciosa como o Pecado, que ele imaginou ser sua filha, mas não era. O seu rival Rischl preparava-se, como vingança, para a desposar, mas ele ergue-se, violenta-se, trabalha furiosamente até poder bradar:

— Não será para ti!

Eis um exemplo de avaro que inverte o direito á felicidade no direito á morte — sem astros.

GLAUCIAS

Radiotonia

Duas emissões

Não podemos deixar de assinalar duas emissões portuguesas efectuadas no ultimo sabado, emissões que tivemos o prazer de ouvir e apreciar: a de CT 1DE e a de CT 1 BO. Quer pela organisação dos respectivos programas, quer pela clareza e intensidade com que foi possivel ouvi-las, merecem os mais rasgados elogios.

CT 1 DE irradiou pela primeira vez em Portugal uma peça radio-teatral, adaptada do francês.O ambiente em que decorre — um teatro de Grand-Guignol — foi bem sugerido pelos sons; os ruidos e os gritos resultaram; os intérpretes declamaram com boa articulação, embora com uma afectação dispensavel. Mas como primeira tentativa, é deveras prometedor, não devendo desistir CT 1 DE de continuar explorando tão interessante género. Os restantes numeros do programa foram escolhidos com acêrto e gôsto, merecendo uma referencia especial a interpretação poética da «Dança n.º 5» de Granados, muito bem recitada e executada, e que é dum excelente efeito radiofónico.

CT 1 BO, que em boa hora passou para o dominio das estações de onda média, para festejar o primeiro aniversario da firma «Herztziana, L.da», tambem organizou um excelente concerto, facto que está de acôrdo, de resto, com tradições da estação. Tivemos assim o ensejo de ouvir mais uma vez o pianista Jaime Silva, que é sem duvida um dos nossos melhores executantes; madame Laborde Santos Costa, cuja voz possui um lindo timbre e melhor fluencia; Vasco Sant'Ana, verdadeira vedeta microfónica, de que a rádio, tal como o fonógrafo, valoriza a magnifica dicção; Aldina de Sousa, possuidora tambem de belas qualidades fonogénicas; e outros de artistas de não menor valor.

Oxalá as duas estações prossigam irradiando regularmente programas que, como os de sabado, não desmereçam o paralelo com os das emissoras estrangeiras. — A. L. R.

Programas escolhidos

PARA ESTA NOITE recomendamos aos amadores a audição das seguintes emissoras estrangeiras:

A's 19,20, aTorre Eiffel (1.445 m.), Homenagem a Claude Debussy: Obras de Gluck, Mozart e Rameau; obras de Debussy (seis preludios sôbre as «Canções de Bilitis», interpretadas por Jehanne d'Orliac, com versos de Pierre Louys. Melodias sôbre poemas de Charles Beaudelaire e Paul Verlaine).

A's 19,30, Viena (517 m.), Bratislava (279 m.) ou outras estações da Europa Central: obras de Janaceck, Vomacka, Fibich, etc.

A's 20,00, Radio-Paris (1.725 m.). «O medico á fôrça», comedia de Moliére representada pela companhia de Denis d'Inés. Obras de Saint-Saens e Mozart.

A's 20,55, Hilversum (1.875 m.): Obras de Hindemith, transmitidas do Lyceum Musical de Amesterdam.

A's 21,00, o Poste Parisien (331,4 m.): «Terceto», de Ravel.

A's 21,55, Londres 2 LO (356,3 m.) ou Daventry 5 XX (1.554,4 m.): «Poema», para violino e orquestra (Chausson); «Sinfonia n.ª 2» (Borodine).

Arte moderna

A'manhã novo programa no Coliseu

Não está ainda o publico saciado do admiravel programa que ha uma semana vem sendo exibido no Coliseu pela Nova Companhia de Circo, e já ámanhã o belo conjunto de artistas dirigido pelo celebre negro Harry Flemming apresentará uma nova série de numeros artisticos que devem despertar tão grande entusiasmo como aqueles que ainda esta noite ali podem ser apreciados, em duas sessões.

Ficam pois avisados os verdadeiros amadores dos espectaculos de beleza de que devem aproveitar a noite de hoje para verem pela ultima vez os numeros de sensação que vão ser retirados do cartaz, assim como se devem prevenir para assistir á estreia de algumas empolgantes e brilhantissimas novidades.

A NOSSA POLITICA ECONOMICA

O vinho do Porto em França

Num grande café dos «boulevards», ás 15 horas, tomo café e leio o *Intransigeant*. Ao meu lado vem sentar-se um casal, ele banalissimo, ela franzina, elegante e de olhos claros. Lá fóra neva. Ele pede um «grog», ela um «Portô». Ao ouvir pronunciar este nome deito um olho curioso para a dama e depois para a bandeja que o criado traz com o «grog» e o «Portô». Era autentico, pelo menos a garrafa — uma marca muito conhecida.

A dama devora o calice em dois tragos. Chamo o criado e peço tambem um «Portô». Na verdade era autentico; a côr era dum perfeito rubi. Três francos, não era caro, mas o criado explica que ha ainda outro melhor a quatro francos e cinquenta. «—Não, obrigado.» E saí para gosar o espectaculo novo para mim da neve que enche a calçada.

A' noite, no Bairro Latino, um patricio explica-me que em quasi todos os bons cafés de Paris se bebe vinho do Porto autentico e isso graças á intervenção da Camara Portuguesa de Comercio. Quiz logo saber onde era a Camara. Era facil; 33, boulevard Haussmann. Que procurasse o sr. Guerra Maio, que ele me explicaria.

No dia seguinte, depois do almoço, encaminhei os passos para o boulevard Haussmann, hoje a arteria mais movimentada de Paris. Tem-se dito e redito que as instituições portuguesas no estrangeiro e as nossas instalações diplomaticas e consulares deixam, algumas, muito a desejar, mas a Camara Portuguesa de Comercio não entra nesse numero.

Predio quasi novo. Um primeiro andar, alcatifas na escada, residencia de pessoa de tratamento, agora transformada em estabelecimentos comerciais. Na porta, uma placa com o nome da Camara, em português, e um aviso, em francês: «que entre sem bater». Entremos pois sem bater.

Largo corredor, portas altas e lacadas de branco. A' esquerda uma sala dividida ao centro por um balcão de carvalho. A um canto, um velho de barba em bico debruçado sobre o Anuario Comercial toma apontamentos. A' direita uma vasta mesa com jornais.

Um empregado ao balcão dá explicações a um brasileiro que regressa á sua terra, via Lisboa, quere levar um gramofone e deseja saber se paga direitos. As explicações não o convencem. Questiona. Deito um olhar para os jornais. A empregada chama a colega, a Gaby, que escreve á maquina, para que venha saber o que eu quero. Gaby deve ter 18 anos e vem a correr. «—Queria falar ao sr. Guerra Maio.» «Saíu ha pouco, não deve demorar»—e abria a porta dum salão, «que esperasse um nadinha». «—Não ha ninguem da Direcção?»—interrompi. Sim, que estava o sr. Frazão Pacheco, «secretaire générale».

Sou introduzido no salão. Decoração sobria mas luxuosa. «Maples», duas largas janelas sobre o boulevard Haussman. O sr. Pacheco vem á porta do seu gabinete com o meu bilhete na mão. Faz-me entrar e indica-me uma cadeira ao seu lado, oferece-me um cigarro, e eu vou de encontro ao assunto que motivara a minha visita.

—Sim, começa o sr. Frazão Pacheco, o vinho do Porto em França está lançado. A Camara Portuguesa de Comercio tem nisso um dos seus maiores triunfos, pois a campanha de perseguição nos tribunais contra os falsificadores excedeu toda a nossa espectativa. Imagine que em 1927 exportámos para França 14 mil hectolitros de vinhos do Porto e da Madeira e dois anos depois, em 1929, elevou-se a perto de 80 mil, perto de seis vezes mais. Isso tem-nos levado o melhor de francos 225.000, mas o resultado é o que se vê. Já ganhámos dezanove processos nos tribunais e temos pendentes de julgamento quinze processos, dois dos quais serão julgados ainda este mês. Primeiro, levantou-se contra nós uma grande celeuma, fomos caluniados, moveram-se contra nós influencias de toda a espécie, mas fomos sempre para diante. Hoje mesmo ainda trabalham na sombra, certos mixordeiros que, quando se viram eficazmente perseguidos, preferiram comprar-nos o vinho a falsifica-lo. Uma firma de Bordens que foi condenada nos tribunais é agora um excelente comprador de vinho autentico. Serviu-lhe a lição.

—Mas esses processsos são feitos aos negociantes em grosso ou aos retalhistas?—inquirimos.

—Por enquanto, temos só perseguido os grossistas, mas temos de alargar a nossa acção aos negociantes de retalho. Temos até agora hesitado por termos que desviar para esses processos uns 40 mil francos por ano e o nosso cofre não tem estado abonado para isso.

Nada mais desejavamos saber. Despedimo-nos do sr. Frazão Pacheco, que nos acompanhou á porta e fômos vêr os jornais. O brasileiro já sorria, a empregada falava-lhe num português adocicado. Estivera no Brasil e adorava o Rio de Janeiro. Preguntei á pequena Gaby se guardavam a colecção do *Diario do Govêrno*. Que sim, guardavam mesmo todos os jornais durante um ano e o *Diariô do Gôvernô* (como ela dizia) tinham-no desde 1921. Quiz ver se era verdade e pedi o de 2 de Setembro de 1923. Gaby voltou sorridente mas desolada: não o tinham porque 2 de Setembro daquele ano era domingo...

Abalei, corrido, e entrei no primeiro café, onde pomposamente pedi um «Portô».

A. M.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã ano sas sr.as:

Condessa de Valenças (D. Izabel), D. Beatriz Ayres de Gouveia Corte Real, D. Branca da Costa Lobo, D. Eliza Nobre Pizarro de Lima, D. Maria Sofia da Silva Waddington, D. Maria Manuela da Silva Gomes, D. Maria das Dores Pinto Martins e D. Maria Eugenia Colares Gavazzo.

E os srs.:

Dr. Frederico Franco de Castelo Branco, Carlos Augusto Vilar, Luis Maria Teixeira de Gouveia Beltrão, João Duarte Perry da Fonseca Lobo e Alexandre Lopes de Almeida.

Pontos de reunião

No Central Cinema

Assistindo ás ultimas exibições do filme «O ajudante do Tzar» que hoje é substituido pela sensacional pelicula «Rapsodia Hungara» recorda-nos ter visto entre outras as sr.as:

Condessa de Carnide, condessa de Almeida Araujo, D. Maria Emilia Infante da Camara Trigueiros Martel, D. Etelvina de Aragão, D. Isabel Fialho de Mendonça, D. Eulalia da Costa Neves, D. Izabel Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Constança de Mendonça da Cunha e Costa, D. Maria Cristina Rino Froes Pinto da Silva, D. Alice Lopes de Almeida Smith, D. Adelia Borges de Carvalho e filha, D. Roxane Correia da Costa de Serpa Pinto, D. Maria Ermida Parreira, mesdemoiselles Sousa e Silva, etc.

A Caridade

Segundo nos consta, vai proximamente realizar-se no Salão do Tivoli um «chá dançante», em «matinée» de caridade organisado por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade.

Chá Dançante

No salão do Tivoli, realiza-se na proxima quinta-feira, um elegante «chá dançante» de caridade, organisado por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, a favor de varias obras de beneficencia.

No *Gremio Literario*

Estão sendo aguardadas com verdadeiro interesse as três «matinées infantis» que se realizam no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, cujo produto se destina a favor de varias obras de caridade, e que se realizam nas tardes de domingo magro, domingo gordo e terça-feira de Carnaval, levadas a efeito pelas sr.as D. Emilia Carolina Neto Afonso de Pereira Coutinho e D. Maria Luiza Monteiro de Mendonça, sendo distribuidos em cada «matinée» dôze premios ás crianças melhor mascaradas, por um juri formados por senhoras da nossa aristocracia, cuja nota daremos em um dos proximos numeros.

Os pedidos de bilhetes devem ser feitos pelos telefones N. 1850 ou N. 559.

Nas Belas Artes

Organisada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade realisa-se na tarde de sabado gordo, nos magnificos salões do Gremio Literario, uma elegante «matinée infantil» cujo produto se destina a favor do pavilhão para pobres em construção junto do Sanatorio dos Tuberculosos do Lumirar.

Matinée» cinematografica

Da comissão organisadora da «matinée» cinematografica» seguida de «chá dançante» que na tarde de 12 do corrente se realizou em um cinema na Graça, a favor do Patronato da Freguesia de Benfica, em organisação, recebemos com o pedido de publicação a nota da receita e despesa.

«Receita» — Entradas no animatografo — 3.542$00; Entradas no salão de dança — 2.600$00; «Chás» — 966$00; Marcação de mesas — 150$00; Dois camarotes pagos pela direcção do «cine» — 80$00. Total — 7.338$00. «Despeza» — Entregue á direcção do cinema, para pagamento da musica, pessoal e licenças — 1.200$00; Pago ao «bar» pelos «chás» — 805$00; Circulares e impressos — 92$00, Total — 2.097$00. Saldo de 5.241$00, que foi depositado no Credito Predial, á ordem do Patronato que brevemente será inaugurado no edificio da antiga «Creche Grandela» amavelmente cedida pelos seus proprietarios.

O violinista Vecsey no Tivoli

Lisboa vai ter ocasião de ouvir e apreciar no proximo sabado, no Tivoli, no concerto da grande orquestra dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco, um dos maiores concertistas da actualidade, o celebre violinista hungaro Franz von Vecsey, que se apresentará tocando no seu magnifico Stradivarius, que pertenceu ao marechal Berthier, general de Napoleão, o que constitui mais uma grande atracção, pois que se vai ouvir um dos rarissimos Stradivarius hoje existentes e tocado por um dos maiores artistas de violino. Este concerto e a vinda do celebre violinista a Lisboa constitui um dos maiores acontecimentos musicais desta temporada, tanto mais que muitos se recordam ainda, com entusiasmo e com saudade, de quando Vecsey esteve em Lisboa, em 1906, — tinha 12 anos de idade — e deu dois concertos no Teatro de S. Carlos, sendo a orquestra dirigida por Mancinelli, que declarava que nunca ouvira um tão fenomenal prodigio. Essa criança de então é hoje o celebre violinista que vamos ouvir neste unico concerto, no apogeu de todas as suas faculdades, exaltando todos os criticos da Europa e da America a sua surpreendente pureza de som e o seu extraordinario virtuosismo, sendo hoje o mais notavel interprete de Mendelssohn, Beethoven, Bach e Paganini.

ENCERADORA

Encarrega-se de aplainar, raspar, polir e encerar soalhos, mobilias, lambrins, oleados, portas, alizares, etc.

Modificam soalhos de taboa larga para estreita (sistema inglez) e executam todos os trabalhos com pessoal devidamente habilitado em qualquer ponto do País, enviando orçamentos gratis.

Preços modicos

47-E, Avenida da Republica, 47-F

Telefone N. 5815 LISBOA

SILVA NOGUEIRA

Artista photographo, e photographo de Artistas

R. da Escola Politecnica, 141

PHOTOGRAPHIA BRAZIL

Matinées e Soirées

Canto e Orquestra

No Café ABADIA

grande atracção

PRATAS ARTISTICAS

Reis, Filhos — do Porto

Representante, venda e deposito:

Ourivesaria ELOY DE JESUS

43 — R. GARRETT — 45

Grande Hotel d'Italia

Mont'Estoril

ESTORIL

Hotel do Parque

ALVAIADE

ELEFANTE

A MELHOR MARCA

PAGINA DESPORTIVA

O Benfica e o Belenenses

colocaram-se de novo á cabeça do campeonato

Voltamos a ter á cabeça da classificação os dois «teams» favoritos do Campeonato de Lisboa.

Belenenses e Benfica totalizaram ontem 29 pontos. O Benfica vencendo conseguiu apenas um empate, na classificação, é claro. E já não é muito mau, porque os três jogos que lhe faltam são mais ou menos faceis, ao passo que ao Belenenses lhe faltam três desafios um bocadinho puxados.

O quarto lugar continua na posse do Casa Pia. Em quinto estão tambem empatados o União e o Carcavelinhos e finalmente na cauda, irremediavelmente na cauda, o Chelas e o Bom Sucesso perdem toda a esperança de continuar na I Divisão.

Casa Pia 1 -- Chelas 0
Benfica 2 -- Belenenses 1
Carcavelinhos 1 -- União 0
Sporting 2 -- Bom Sucesso 0

Benfica-Belenenses

A maior assistencia do Campo das Amoreiras foi a de ontem. Muita gente, imensa gente, mesmo, a emoldurar o rectangulo.

O jogo de ontem, porém, esteve a muitos furos de distancia do da primeira volta. O Benfica venceu na mesma, mas não jogou da mesma maneira que havia jogado nas Salesias.

A primeira metade do encontro foi bôa, tão bôa que a maioria dos espetadores ficou admirada ao ouvir o apito do arbitro a termina-la.

Foi rapida; os jogadores deram o seu maximo durante aqueles quarenta e cinco minutos e o publico assistiu com vivo interesse ao desenrolar daquela meia partida.

Da parte dos Belenenses, os passes mal feitos em profundidades e a bola em três jogadas era levada até á zona perigogsa de Benfica.

Daí era devolvida para os médios vermelhos que a passavam aos avançados que, por sua vez, faziam muitas passagens, tantas, que depois o perigo passava e voltavam as jogadas a ser realizadas a meio campo.

E neste vai-vem interessante, alterado apenas com dois ««goals», um de cada parte, se consumiram os primeiros quarenta e cinco minutos.

O primeiro a marcar foi o Benfica; Guedes Gonçalves, após um passe de Vitor Silva, de costas para a baliza, consegue enfiar a bola nas rêdes belenenses.

Momentos depois um «corner», um falhanço de Jorge Teixeira e o empate estava feito.

Nos partidarios vermelhos aparece a duvida, desaparece por momentos a confiança na desejada vitoria.

E o intervalo chega.

Ninguem quere arriscar uma opinião. Pressente-se que o resultado vai ser modificado. Para que lado? Só a sorte do jogo o ha de dizer. E o espectro da incerteza a viver em todos nós.

O jogo recomeça, e a continuação dele já não tem o mesmo entusiasmo do primeiro meio tempo.

O Belenenses joga desconjuntado, e o Benfica não tem já a mesma alma.

Oliveira marca o «goal» da vitoria e os rapazes de Belem sentem a derrota, sentem-na e consentem-na; deixara-se assenhorear mais pela certeza de perder que pelo jogo do adversario.

Dominam mas não marcam, e sentem-se impotentes para modificar o resultado.

Como sempre, nestes casos, a violencia é utilizada.

Almeida e Carlos Rodrigues começam a forçar a nota, recorrendo a processos pouco dentro das normas do «foot-ball».

Os homens do Benfica respondem e a luta perde todo o interesse.

Muitas penalidades marcadas para ambos os lados. Vitor Silva que se magôa, muitas bolas para fóra e que se mantêm fóra por muito tempo para gastar o tempo util de jogo.

E' o desejo de vencer natural em todos, mas anti-desportivo.

Nem só o Benfica procede assim. Não é desportivo mas é humano.

E entre baionetas termina assim o jogo de ontem.

* * *

Do Benfica três homens se salientaram: Anibal José, Jorge Teixeira e Dyson.

Anibal foi o melhor dos médios vermelhos, Jorge teve entradas soberbas de decisão e cota-se com os jogos que ultimamente tem feito, como um dos melhores «backs» esquerdos portugueses. Ha tão poucochinhos, que não seria mau aproveitar Jorge Teixeira, quanto mais não fôsse para experiencia, nos treinos da linha nacional.

Dyson progride, tendo realizado ontem defezas de valor.

Pinho melhorou a sua forma.

Vitor Huggo fraco.

Os restantes fizeram o possivel para a vitoria.

Do Belenenses, Tomás e Silva Marques fôram os melhores.

Os outros não deram o rendimento normal, tendo jogado abaixo das suas possibilidades.

A arbitragem, de Rafael Fernandes, foi bôa.

Carcavelinhos-União

O Carcavelinhos ganhou ontem dificilmente, mas justamente.

Sem Carlos Alves conseguiu impôr-se ao seu adversario, sendo durante os 90 minutos do encontro mais «team» que o União.

Este atravessa actualmente uma grande crise, tendo a sua defesa bastante desfalcada, não podendo alinhar os seus titulares, e um ataque que não se entende. Liberto e Valentim destacaram-se.

Do Carcavelinhos ha a salientar o trabalho de Justo, Julio Luís e Carlos Domingues.

A arbitragem boa.

Casa Pia-Chelas

Venceu, como haviamos dito, o Clube do Restelo. Mas se o Chelas não tivesse recorrido ao jogo violento, talvez que a estas horas o Casa Pia não tivesse escrito no seu palmarez mais uma vitoria.

Carlos Anjos, o melhor do Chelas. Roquete e Fernandes, os melhores do Casa-Pia.

Sporting-Bom Sucesso

Jogo sem interesse de maior em que mais uma vez a linha avançada sportinguista mostrou a sua ineficacia.

Oscar de S. Marcos salientou-se dos seus companheiros.

Os esforços individuais de Abrantes Mendes foram a nota saliente da linha leonina.

A arbitragem de Travassos muito boa.

RESERVAS

Benfica 0 — Belenenses 1.
Sporting 6 — Bom Sucesso 0.
Casa Pia — Chelas —
Carcavelinhos 1 — União 2.

2.as CATEGORIAS

Benfica 2 — Belenenses 4.
Sporting 1 — Bom Sucesso 1.
Casa Pia 2 — Chelas 1.
Carcavelinhos 4 — União 0.

3.as CATEGORIAS

Benfica 3 — Belenenses 0.
Sporting 10 — Bom Sucesso 0.
Casa Pia 0 — Chelas 1.
Carcavelinhos 1 — União 2.

Cross-Country

Realizou-se ontem o «Cross» Regional do Sul nos terrenos pertencentes ao regimento de cavalaria 2, em Belem.

Ligeiras apreciações serão as nossas á prova de ontem, prova que serviu de esplendida propaganda para a modalidade de atletismo caracteristica do inverno.

Das équipes concorrentes, Sporting, Benfica e Vendedores, era sem sombra de duvida a primeira a favorita.

Como supunhamos assim sucedeu.

Ganhou sem luta, porque a sua competidora, a do Benfica se limitou a defender a sua posição: segundo lugar.

Os corredores mantiveram as mesmas posições do «cross» de abertura, excêpção de Mario de Almeida que bateu Armando Silva, considerado mais resistente.

Acérca da équipe dos Vendedores pouco poderemos dizer, a não ser o facto da aparição do conhecido corredor Antonio Pinto que provou ter acrisolado afecto pelo seu clube, alinhando numa emergencia em que atitudes destas são raras.

A ordem da chegada dos concorrentes foi a seguinte:

1.º, Manuel Dias, em 14 m. e 13 s.; 2.º, Antonio de Almeida; 3.º, Mario José; 4.º, Antonio Marques; 5.º, Mario de Almeida; 6.º, Armando Silva; 7.º, Antonio Pinto; 8.º, Henrique Carmo; 9.º, Felipe Amoleto; 10.º, Diamantino Correia; 11.º, João Silva; 12.º, Joaquim Antonio; 13.º, Manuel Sousa; 14.º, Antonio Costa; 15.º, Porfirio Silva e 16.º, Mario Nunes.

Classificação dos 8 clubes nas 4 categorias

CLUBES	1.ª CATEGORIA						RESERVA		2.ª CATEGORIA		3.ª CATEGORIA		Total nas 4 categ.	
	Jogos	Vict.	E.	Der.	Bolas	Pontos	Bolas	Pontos	Bolas	Pontos	Bolas	Pontos	Bolas	Pontos
Belenenses	11	9	—	2	**61–13**	**29**	42–6	**29**	33–7	**32**	19–18	20	155–48	110
Benfica	11	9	—	2	34–11	29	27–10	27	29–16	25	40–9	**33**	130–46	**114**
Sporting	11	8	1	2	25–8	28	28–10	23	20–24	18	35–13	28	108–55	97
Casa-Pia	11	6	—	5	19–29	23	a)	—	18–24	23	32–12	22	—	—
União	11	4	1	6	15–25	20	20–16	27	14–19	21	21–19	22	70–79	90
Carcavelinhos	11	4	1	6	18–21	20	18–21	21	41–12	29	28–14	22	105–68	92
Chelas	11	1	1	9	13–39	14	a)	—	10–22	16	3–37	13	—	—
Bom-Sucesso	11	—	2	9	7–44	13	8–52	13	9–41	10	6–60	13	30–197	49

a) O desafio de Reservas, Chelas-Casa Pia, foi interrompido pelo arbitro por mau porte dos jogadores.

GIMNASIO Telef. T 914
Companhia LUCILIA · ERICO
HOJE—A's 9 1/2
A super-comedia em 3 actos
O homem das 5 horas

A Cidade

Café Chiado
o que tem melhor café
o melhor ponto de reunião
Boa musica

Chá das cinco

A canção do berço

Lembro-me ainda. E' a minha primeira recordação — uma recordação auditiva. Os anos passaram e o ouvido guarda, com a nitidez dum disco, a toada lenta da canção do berço. E quando a agulha do pensamento fere a membrana do timpano, é como se uma grafonola silenciosa — quem dera que fôssem todas assim! — nos restituisse intacta a nossa primeira recordação da vida.

Dorme, dorme, meu menino...

Lembro-me ainda. Era tão bom ser criança nesse tempo! Deve suceder hoje o mesmo a todas as crianças— antes da primeira dentição. Porque — ai! — o primeiro dente marca na nossa vida uma étape *decisiva. Por alguma coisa ele doi, por alguma coisa a gente chora. E' o verbo* comer *que a criança inconscientemente começa a conjugar. E' o espectro da luta pela vida que lhe aparece, a preveni-la de que para além do berço ha um longo caminho a percorrer, onde os cães disputam á dentada os ossos que os lobos despojaram da carne.*

E nas horas mais amargas e menos alimenticias da existencia, a canção do berço alimenta-nos o coração de saudade—um producto nacional que tem na nossa estatistica literaria o valor que o vinho do Porto tem na estatistica comercial.

Lembro-me ainda. Havia uma grande varanda que deitava para o campo, donde vinha na Primavera um cheiro bom de terra e de amendoeiras em flôr. Vive ainda—e Deus lhe conserve a vida por largos anos — a ama que me embalou ao peito— a ama que me cantava a canção do berço. E, como o poeta que regressa ao lar, tambem eu teria vontade de lhe dizer:

Ai, o teu menino como está mudado!
Minha velha ama, como está mudado!
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...

...se ela não fôsse muito capaz de me responder:

—Não, menino, isso já não vai com cantigas...

NORBERTO LOPES

BOLSA DE LISBOA

17 de Fevereiro

CONTADO

Valores	Efectuado	Comprad.	Vendedor
P. Int. 6 ½ 0/0 1923 O.	893$00	898$50	899$00
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	930$00	929$00	930$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	—	928$00	—
P. Ext. 3 0/0 3.ª série...	1.020$00	1.018$00	1.025$00
Banco Com. de Lisboa.	—	—	500$00
Banco Lisboa & Açôres	510$00	510$00	511$00
Banco de Portugal........	1.040$00	1.035$00	1.045$00
Banco Port. e Brasileiro	110$00	109$50	110$50
C.ª C. F. de Benguela	1.545$00	1.540$00	1.550$00
C.ª C. F. N. L. 3 0/0 2.º g.	70$50	70$00	71$00
C.ª das Aguas de Lisboa	368$00	368$00	369$00
C.ª Gaz e Electric., cou.	272$00	271$00	273$00
Soc. Industrial Aliança	193$00	191$00	194$00
C.ª Portugal e Colonias	115$00	114$50	115$00
C.ª Nac. de Navegação	274$00	274$00	275$00
C.ª Tabacos de Portug.	—	565$00	575$00
C.ª Portug. de Tabacos	364$50	364$50	365$00
The Match Tobacco T S. C.º........	102$00	101$50	102$00
A Tabaqueira..............	500$00	500$00	501$00
C.ª Amboim................	112$50	112$00	113$00
C.ª Col. Buzi 1.ª emissão	—	71$00	71$50
C.ª Col. Buzi 2.ª emissão	70$00	69$50	—
C.ª de Seguros Sagres...	—	1.150$00	1.200$00
C.ª de Seguros Mundial	—	—	390$00
C.ª Ilha do Principe...	—	400$00	405$00

CAMBIOS

NOTAS ESTRANGEIRAS

PRAÇA	Compra	Venda
Londres	108$00	108$25
Paris	$87	$87,5
Madrid	2$80	2$85
New-York	22$25	22$30
Zurich	4$28	4$30
Roma	1$15,5	1$17
Bruxelas	3$09	3$10,5
Amsterdão	8$90	8$95
Berlim	5$32	5$35
Praga	—	—
Rio de Janeiro	2$40	2$45

O VELHO MACHADO CORREIA

Uma figura

do jornalismo de outro tempo

que ainda é e será

do nosso tempo

— Isto é cá para nós, rapazes...

Quem diz assim, a relembrar qualquer episodio do seu tempo, mais sujeito ao contrôle da nossa consciencia profissional, é Machado Correia, que vai nos 70 anos de idade.

E' um moço de espirito, todo grisalho, barba aberta em duas suiças discretas, pintalgadas de oiro, olhos humidos, vivos, por trás das lentes de fraca graduação ainda, e um sorriso sempre aberto, mesmo quando a conversação se ensombra de saudades.

Vêmo-lo diante de nós, numa conversa de meia hora, jubiloso moralmente de uma enternecida festa que lhe fizeram ha dias os camaradas mais novos, muito novos. Embrulha-se num cache-col azul, mesmo janota, que no seu tempo tambem por estrangeirismo aportuguesado se chamaria *cachiné*, num duplo êrro que sabia bem aos ouvidos do Passeio Publico e do Chiado; enfia-se num sobretudo, composto de distinção e de simplicidade — e tem sempre que contar, este nosso colega do jornalismo, que vai em 70 anos, leva mais de 40 de actividade, e usa este estribilho que lhe ficou do tempo do Navarro:

— Isto é cá para nós, rapazes...

O sr. Machado Correia, homem de teatro que foi de nomeada e saber, que reune mais de cincoenta trabalhos teatrais, que fez crítica, ensaiou, foi ponto, autor e protagonista da scena de bastidores; que no jornalismo fortet, viril, alegre do seu tempo, foi companheiro de figuras gradas da politica, e mais do que da politica: do talento e do espirito, mosqueteiros das ideias e gentishomens das atitudes; este Machado Correia, afavel, simpatico, modesto e honrado — é uma das figuras do jornalismo português merecedora de que aqueles que passam se descubram diante dele. E' um tipo para ficar na tela grande do jornalismo contemporaneo, do trabalho e da probidade.

E nós que nos descobrimos quando ele passa na rua, temos agora um infinito prazer de o fazer aqui, publicamente.

* * *

A sua grande saudade, a sua grande admiração — é o Navarro. O Ernesto Navarro das *Novidades*, a velha folha de grande aura que foi as *Novidades*, Chiado puro, Lisboa tal qual, com o reflexo dos defeitos, virtudes, entusiasmos, talentos e revoltas desempenadas, brilho literario e retumbancia jornalistica.

— Chamavam á janela do jornal, que deitava para o Chiado, quina da Rua Nova do Almada, a «varanda dos cabotinos». Quem inventou isso foi uma senhora muito ilustre, que ainda vive, esposa de uma figura singular de militar, de politico e de paladino medieval do seu credo, felizmente tambem vivo. A «varanda dos cabotinos» — era as *Novidades*. E cabotinos porquê? Porque tinham talento e desengano moral. Verdade que aquele dito a «varanda dos cabotinos» tinha mais de lisongeiro que de contundente. E a ilustre senhora que lançava a designação foi com um adoravel sorriso que a criára.

Ernesto Navarro — e falando nele Machado Correia tem lágrimas nos olhos — foi com o seu jornal, a sua acção, a sua generosidade e o seu grupo de jornalistas um pouco uma sintese do seu tempo.

— Foi o homem, director de jornal, mais amoravel, talentoso e camarada que tenho conhecido. Raros se lhe aproximam.

Conta-nos que uma vez precisou Machado Correia de três meses de licença para ir ao Brasil, com uma companhia teatral. Era preciso ser substituido, provisoriamente. Melo Barreto, redactor do jornal, ofereceu-se para, cumulativamente, fazer o seu serviço e o do camarada. «Não é preciso vir ninguem de fóra». Pois o Navarro, que compreendeu o gesto gentil de Melo Barreto, mandou entregar ao velho pai de Machado Correia os ordenados do jornalista em *tournée* teatral.

— Uma vez que eu estive para me bater em duelo, não saiu do jornal enquanto não soube o caso arrumado, mas arrumado com honra para o jornalista. Vivia a vida dos seus redactores. E por ali, de começo, no meu tempo, passou muito boa gente...

Nós lembramos: Barbosa Colen, Espirito Santo Lima, Armando Silva, já mortos, Melo Barreto, Eduardo Noronha, José Sarmento.

— Mas as *Novidades* e o Navarro eram um centro, em Lisboa. Um centro intelectual. Raro era o homem de letras que por ali não ia, quasi diariamente. A «varanda dos cabotinos» mostrou as mais fulgurantes cerebrações do seu tempo, e nenhum... cabotino. O Silva Pinto...

E aqui Machado Correia sorri.

— Uma vez eu disse, negligentemente, que certo medico, homem de sciencia celebre, que o rabugento e forte Silva Pinto admirava, «não era tão boa pessoa como ele, Silva Pinto, julgava». Cortou logo as relações comigo! Um ano não me falou. Uma vez, porém, entrou na redacção, e como se continuasse uma conversa de minutos antes, assim de chofre, mão estendida, largou-me:

—...E daí, talvez você tenha razão... Não sei que diabo lhe fizera o S. M.»

Machado Correia diz-nos, o que aliás nós ouvimos com prazer, que no seu tempo os directores de jornais, de vez em quando, faziam reportagem da rua, naturalmente, sem desdenharem da função.

— Uma vez houve grandes inundações. Eu fui para um lado, o Melo Barreto para outro, o Barbosa Colen, todos. O Navarro escolheu o peor local: Algés. E que reportagem! Mas fê-la tambem o Antonio Enes, que foi meu director no *Dia*, e o Colen, depois director, e muitos. O Silva Pinto, escritor de pulso, fez a do incendio do Teatro Baquet, do Porto.

(Vêr continuação na 8.ª página)

MANOLESCO — com as quatro maiores vedetas da UFA, no SÃO LUIZ

Pelos teatros

«Pégadas na Areia»

A Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro representa na quinta-feira, pela primeira vez, a peça «Pégadas na Areia», original de Alvaro Leal e Lourenço Rodrigues. A acção da comedia passa-se em New-York e a acção decorre na America que todos nós conhecemos pelos jornais, pelo cinema, na America dos arranha-ceus, dos telefones, dos divorcios, dos grandes «trusts», das fabricas de automoveis e do reclame. Na interpretação da comedia que é uma «charge» á vida americana entram os seguintes artistas: Amelia Rey Colaço, Tereza Taveira, Maria Brandão, Maria Lalande, Assis Pacheco, Carlos de Oliveira, Vital dos Santos, Luiz Leitão, Luiz Campos, Delmi o Rego, Barroso Lopes e Pinto Ramos.

"Mataram D. João"

E' hoje que, no Teatro Apolo, se estreia a «charge» ao moderno teatro norte-americano «Mataram D. João», de Frederico Oliver, tradução do nosso colega Rogerio Perez e de Mario Duarte, enscenada pelo professor Antonio Pinheiro e interpretada por Ester Leão, Albertina de Oliveira, Sofia Santos, Carmen Martins, Aurora Dubini, Deolinda de Sousa, Alexandre de Azevedo, Abilio Alves, Alfredo Ruas, Tarquino Vieira, Pereira Saraiva, José Cardoso, Lino Ribeiro, José Figueiredo, Victor Cruz e todos os restantes elementos da companhia.

"O Homem das 5 horas"

Sobe hoje á scena no Teatro do Gimnasio a comedia «O Homem das 5 horas», a peça de maior exito de ha quatro anos para cá e aquela que mais tem feito rir o publico, batendo o «récord» do humorismo. Erico Braga, Joaquim Almada, Samwell Diniz e Seixas Pereira no quadro masculino com Lucilia Simões, Amelia Pereira e Maria Carlos no elenco feminino, formam os principais interpretes da admiravel comedia que reaparece ao publico como uma novidade.

Alves da Costa

Com a primeira representação da peça «O Autoritario», de Henry Clerc, tradução de Avelino de Almeida, realiza amanhã, a sua festa, no Teatro S. João, do Porto, o actor Alves da Costa, um dos principais elementos da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha. Alves da Costa é um novo, que tem já o seu nome ligado a valiosos trabalhos e de quem o teatro português muito tem a esperar pelo seu real valor e pelo seu aturado estudo.

Atrás do reposteiro

Devido ás obras para a instalação do pano de ferro, hoje, amanhã e quarta-feira, não ha espectaculos no Teatro Nacional.

—Na farsa «Os Barbadinhos», de Muñoz Seca, tradução de Lino Ferreira, que sóbe á scena no Teatro do Gimnasio, na sexta-feira, em primeira representação, o primeiro acto decorre entre a leitura de um testamento no escritorio dum notario.

—Realiza-se hoje, no Teatro Avenida, a festa artistica do actor Rafael Marques, representando-se a comedia «Maré de Sorte» e a peça «A Anecdota». Amanhã volta á scena a comedia «Ouro Americano».

—No Teatro Nacional, para a quadra do Carnaval, ensaia se a comedia «O Botequim do Felisberto», para estreia neste teatro do actor Leopoldo Froes.

—A Companhia que está dando no Coliseu magnificos espectaculos de arte moderna, e que por pouco mais tempo se exibira entre nós, estreia amanhã alguns numeros de sensação.

—Os scenarios da revista «Cocotes de areia», de Erico Braga, e que se destina ao Carnaval do Teatro do Gimnasio, são de Augusto Pina e Bernardo Marques.

—No Apolo representa-se, nos espectaculos de Carnaval, uma revista em 1 acto, «Retalhos de Graça», de Pedro Bandeira, ensaiando-se ainda uma comedia propria desta quadra.

—Depois de amanhã vai á scena, no teatro São João, do Porto, a peça «Cabeleireiro de senhoras», pela Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha.

—Para os espectaculos de Carnaval, no Teatro Avenida, a Companhia Adelina-Aura Abranches começou ensaiando hoje a comedia «O domador de sogras», terminando a sua temporada em Março, para seguir para o Porto.

Sanatorio do Lumiar

A salva de prata que foi rifada a favor do novo pavilhão do Sanatorio do Lumiar saiu á senha n.º 968, pertencente á sr.ª D. Maria Helena Mendonça Alves.

CONDES
Ultima exibição
Adoração

A Cidade

HOJE — Soirée ás 21 horas
No ROYAL CINE
R. da Graça, 100 — Tel. N. 6791
A super-produção da Fox que se estreiou em Portugal
AMORES BRAVIOS
com Dolores Del Rio e Victor Mc. Laglen

SERVIÇOS PUBLICOS

OS prejuizos que o Estado sofreu na Bolsa Agricola

«Sr. Director: — No seu apreciado jornal de 8 do corrente, sob a epigrafe «Funcionarios que prevaricam», publicou V. uma local onde eu e o sr. Carlos de Bragança Parreira somos acusados de ter lesado o Estado em cêrca de 700 contos, por falta de aplicação do adicional da lei 1001 e que o respectivo processo crime tinha seguido para a Boa-Hora.

Estas noticias, sem duvida fornecidas pelo ex-sindicante aos serviços da Bolsa Agricola, bacharel Rodrigo de Sousa Coutinho Osorio de Castro têm, tantos visos de verdade, como verdadeira é a razão que na mesma noticia se dá das causas que terminaram a demissão do ex-sindicante, que a pedi, sim, mas depois de ter conhecimento de que tinha ido para o «Diario do Govêrno» a portaria que o demitia. Essas causas são de tal natureza, que o seu julgamento está afecto a quem de direito, por se provar que o referido bacharel exorbitou das suas funções, claudicou e prevaricou, só podendo ser tomado á conta de inconsciencia maldosa e muita ignorancia das leis o desplante com que mentirosamente informou a imprensa e a forma atrabiliaria por que tem organisado os processos, na unica mira de vexar funcionarios, que melhor do que ele sabem onde têm a cabeça e com mais dignidade sempre defenderam os interesses do Estado e presam a honra propria e a alheia. A historia dos 700 contos, por falta de aplicação da lei 1001, é mais um «bluff» a acrescentar a muitos outros arquitectados e enviados por esse senhor aos tribunais, cujos processos têm sido devolvidos e outros mandados arquivar por improcedentes.

Só do tribunal de Coimbra vieram 36 devolvidos, dizendo o Meritissimo Juiz que o Tribunal não era arquivo da Bolsa Agricola!

Se alguns processos têm ido até julgamento, as respectivas sentenças têm sido de molde a bem classificar a «competencia» e acintosa maldade desse senhor.

Da falta de aplicação desse adicional eu e o sr. Bragança Parreira temos tanta responsabilidade, como poderá ter o seu fornecedor de botas; e em botas tem o ex-sindicante a melhor colecção. Mas, como a sindicancia prossegue a cargo duma Comissão de oficiais do exercito, que tem ouvido os acusados, cousa que o ex-sindicante nunca se dignou fazer dando assim azo a alguns funcionarios serem intimados a comparecer nos tribunais e, só ali saberem do que são acusados, quere dizer, como os actuais sindicantes não se regulam pelos preceitos da Monita Secreta, pomos ponto no assunto, pedindo a V. o obsequio de mandar publicar esta carta, caso V. assim concorde. — De V. etc. — José Mateus Fernandes.

Brindes e calendarios

Da Companhia Geral de Agricultura dos Vinhos do Alto Douro (Companhia Velha), recebemos três magnificos cinzeiros, que constituem um belo reclamo.

— Não altera o paladar ao tabaco
— Não lhe tira o aroma
— Não irrita a garganta
— Não intoxica os pulmões
— Os fumadores que presam a sua saude só fumam o papel KALIFA

BEBAM as aguas de:
VIDAGO (1 e 2), PEDRAS SALGADAS, MELGAÇO E SABROSO
premiadas com a Medalha de Ouro na Exposição de Barcelona ultimamente realisada
Pedidos a
VIDAGO, MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS
PORTO: Rua da Cancela Velha, 29 — Telef. 391
LISBOA: Aven. da Liberdade, 132 — Telef. T. 4296
Entregas imediatas ao domicilio

A OBRA DO GOVÊRNO

AS DECLARAÇÕES do ministro das Finanças ao "Financial Times" sôbre a nossa situação economica e de tesouraria

O sr. dr. Oliveira Salazar expôs, numa entrevista concedida ao correspondente do *Financial Times* em Lisboa, a situação financeira do país e os seus propositos de estabilização da moeda.

—Essa estabilização conseguiu-se já, declarou o ministro das Finanças. Ha mais dum ano que a libra esterlina é cotada aproximadamente a 108$00. Isto demonstra que a balança economica tende para um equilibrio estavel, e que a estabilização da moeda se pode fazer entre nós com o mesmo exito com que se tem feito noutros paises.

— Considera a circulação livre de capitais prejudicial aos interesses da economia portuguêsa? Pensa que é possivel decretar dentro de pouco tempo esta medida ou que só deve ser posta em pratica quando se tiver conseguido a estabilização?

A estas perguntas, o ministro respondeu:

— A circulação livre de capitais podia levar, neste momento, a uma maior importação de mercadorias, que durante algum tempo pode deixar de se fazer no todo ou em parte, e conseguintemente a uma maior saída de ouro para o estrangeiro, prejudicando assim o mercado cambial. Penso que essa medida deve ser decretada só depois do escudo estar legalmente estabilizado e quando as reservas em ouro garantam os propositos já mencionados. Desde que esteja definitivamente assegurada a estabilisação da moeda, a livre circulação de capitais pode ser favoravel ao desenvolvimento das nossas relações comerciais com o estrangeiro e á prosperidade de Portugal.

— Mesmo nessas circunstancias, é de opinião que os actuais obstaculos á livre circulação de capitais prejudicam a economia portuguêsa e as suas relações internacionais?

— Na actual situação, as leis que restringem a circulação de capitais são necessarias á defeza da economia e das finanças portuguesas. Trata-se dum freio necessario, ainda que esteja averiguado que restrições dessa natureza são por vezes contrarias ao desenvolvimento natural da produção e do comercio. E', porém, um remedio temporario e amargo, mas no presente momento as suas vantagens são maiores que as suas desvantagens, uma vez que o seu unico proposito é restringir quanto possivel os abusos, sem contribuir para que deixem de se fazer as operações habituais. Assim, por exemplo, não ha restrições para a importação e pagamento de mercadorias, nem para a exportação de ouro que se destina ao pagamento de juros e á amortização não só de compromissos comerciais e industriais tomados no estrangeiro, como de emprestimos externos, fundos do Estado e outros.

— Considera como contraria aos interesses da economia nacional a exportação de productos nacionais ou a importação de productos estrangeiros, mesmo quando isso tenha influencia sôbre o cambio? Em conclusão, considera que a livre circulação de capitais, tomada juntamente com a entrada de capitais estrangeiros em Portugal, pode ser neste momento contraria aos interesses da economia nacional, ou pensa que podia conduzir a um aumento de confiança internacional em relação aos negocios portugueses e facilitar até a entrada de capitais estrangeiros em Portugal?

— A exportação de produtos nacionais, respondeu o ministro das Finanças, quando não seja excessiva — e este perigo não é vulgar — podia contribuir para a entrada de ouro no país, com beneficios para o cambio e para a sua reconstrução economica e financeira. E o seu efeito imediato seria aumentar a provisão de ouro necessaria para o pagamento de juros e a amortisação de compromissos externos. Uma importação moderada de produtos estrangeiros, desde que a reconstrução economica do país seja estabelecida em bases solidas, podia trazer tambem um grande beneficio para a economia nacional.

«Em Portugal, como noutros países, a restrição das importações contribui para a estabilisação economica, para aumentar o credito e assegurar a entrada normal de ouro no país. Não ha duvida que a livre circulação de capitais, em conjunção com a entrada de capitais estrangeiros no país, traria consigo uma grande confiança nos negocios portugueses em geral, atraindo maior proporção de capitais estrangeiros. Mas antes da moeda estar legalmente estabilisada, em bases solidas, não podemos esperar um tal resultado.

Pergunta o jornalista:

— A divida flutuante externa está, por assim dizer, extinta. A divida flutuante interna existe ainda. Pensa em pagar essa divida com o *superavit* orçamental, como tem feito até aqui, diminuindo progressivamente a taxa de juros dos bilhetes do Tesouro, ou tenciona efectuar a conversão voluntaria desta divida por meio de um grande emprestimo interno?

— A divida flutuante externa, responde o sr. dr. Oliveira Salazar, está totlmente extinta desde Junho passado. O Tesouro tem agora em deposito no estrangeiro uma soma maior do que aquela a que se elevava a propsia divida. Por outro lado, a divida flutuante interna está sendo submetida a duas especies de operações. A primeira é o reembolso; o Govêrno pagou já, desde Julho a Dezembro ultimo, cêrca de cem mil contos de bilhetes de Tesouro. A segunda é a consolidação por meio de titulos da divida consolidada interna. O Govêrno tem já consolidados tresentos mil contos na Caixa Geral de Depositos, para emissão de titulos do emprestimo interno de 6 e meio por cento-ouro até á quantia de 3 milhões de libras.

«O reembolso directo é a politica seguida permanentemente pelo Govêrno, favorecida pela taxa de juros mais baixa que tem sido aplicada e pela amortização forçada de bilhetes de Tesouro de pequenas quantias; o prosseguimento desta politica está garantida pela aplicação de parte do *superavit* orçamental, que espero continuará por muitos anos.

«A segunda operação — conversão da divida flutuante numa divida a longo praso — terá por base tanto uma parte desses titulos, como um emprestimo externo que, se fôr conveniente, se pode efectuar, ou ainda titulos internos expressamente emitidos com êsse fim. Deve notar-se que a divida flutuante não é presentemente um grande encargo para o Tesouro. Como materia de facto, não só se não emitem novos bilhetes, como estão sendo reformados os antigos e os portadores têm uma grande confiança neles, ainda que tenham diminuido os juros.»

O QUE SE LEGISLA

AS disposições que foram publicadas na folha oficial

O Govêrno determinou a entrega de varios bens ás corporações encarregadas do culto catolico nas freguezias de Recardães, concelho de Agueda; de Machede (S. Miguel), concelho e distrito de Evora; de Macieira, concelho de Sernancelhe; e de Canidelo, concelho de Vila Nova de Gaia.

* * *

A folha oficial publica um decreto aprovando o regulamento meteorologico do Exercito.

* * *

Os liceus de Padre Jeronimo Emiliano de Andrade, em Angra do Heroísmo; de Jaime Moniz, no Funchal, e de Antero de Quental, em Ponta Delgada, passaram á categoria de centrais, sendo fixadas as respectivas zonas pedagogicas.

* * *

O *Diario do Govêrno* insere hoje a relação nominal dos funcionarios privativos da Caixa Geral de Depositos e dos de nomeação vitalicia além do mesmo quadro.

* * *

O capitão de mar e guerra sr. Agnelo Portela foi promovido a contra-almirante.

* * *

O Govêrno aprovou o orçamento do prolongamento do cais de entrada na cidade do Funchal, na importancia de 4.100 contos.

* * *

Foi nomeado secretario da Escola de Arte Aplicada de Lisboa o sr. Falcão Trigoso.

A visita dos jornalistas belgas

O intercambio jornalistico luso-belga que vai iniciar-se no proximo dia 28 com a visita de 12 jornalistas belgas a Portugal, e se completará em Abril com a ida de outros tantos jornalistas portugueses á Belgica, tem um significado de cultura que precisa de registar-se.

O ilustre diplomata e jornalista que é o sr. dr. Augusto de Castro, marca com esta realização que á sua influencia e ao seu alto criterio patriotico se deve, uma das suas obras mais interessante e mais uteis de propaganda da terra portuguesa.

Os Profissionais da Imprensa de Lisboa, compreendendo o alcance de tal visita, organisaram para os seus colegas belgas, representantes dos mais importantes jornais daquele país, um programa de recepção que será uma esplendida oportunidade para o estreitamento de relações que se procura e que ficará nos anais da Imprensa portuguesa como inicio de uma nova era de empreendimento moral da familia jornalistica.

Homenagem a um funcionario dos Correios e Telegrafos

Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, na Associação de Classe do Pessoal Maior dos Correios e Telegrafos, uma sessão de homenagem á memoria do sr. Anibal Homem de Figueredo, fundador daquela associação, onde será inaugurado o seu retrato.

A base de Vila Franca

Informo-nos o sr. contra-almirante Jaime Afreixo de que não é a ele, como se disse, que se deve a dissolução da base naval de Vila Franca.

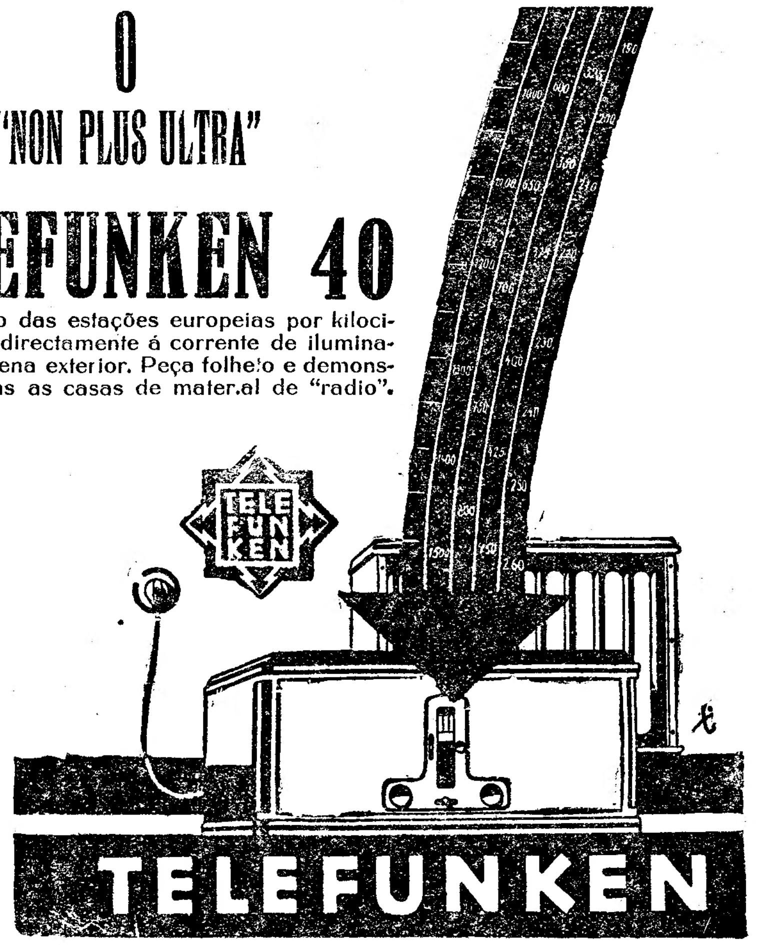
RadioTELEFUNKEN

O
"NON PLUS ULTRA"

do "radio"

TELEFUNKEN 40

com selecção das estações europeias por kilociclos: liga-se directamente á corrente de iluminação. Sem antena exterior. Peça folheto e demonstração a todas as casas de mater.al de "radio".



AEG

Sociedade Lusitana de Electricidade A. E. G.

Rua dos Fanqueiros, 12-16—LISBOA
Rua Sá da Bandeira, 209-215—PORTO

IMPRESSORES E GRAVADORES TELEFONE, T 96

J. BRIONES

Comerciantes de todos os paizes importadores!

Visitem no seu proprio interesse o colossal mostruario, exposto por m. ou m. de dez mil Firmas expositores de 21 paizes na

FEIRA DE LEIPZIG, PRIMAVERA 1930

principiando a Feira de Amostras em 2 até 8 de Março 1930 (a grande Feira technica e de construção civil de 2 até 12 de Março; a Feira da industria textil e dos Artigos de Sport de 2 até 6 de Março).

Todos os esclarecimentos dá na volta do correio o

LEIPZIGER MESSAMT, LEIPZIG

ou o Representante honorario, em Lisboa:

A. SCHMIDT
Praça dos Restauradores, N.° 13

Se desejaes um sapato elegante não vás ás casas celebres, mas sim, visitae a Sapataria Salgado d'Oliveira na Rua Eugenio dos Santos, n.os 60 a 64 (Proximo ao Coliseu) **onde encontrareis um grande sortido em todos os generos pelos melhores preços.**

Calçado confortavel, elegante e economico

Belo 2.° andar

LINDO e higienico, ao Conde Redondo, com 11 divisões bem decoradas, cede-se em boas condições. Trata-se na rua dos Correeiros, 53, 3.°

PREDIOS

Compramos e vendemos

Companhia Alentejana
Rua dos Fanqueiros, 207, 1.°
TELEFONE T. 1127

SORTE GRANDE

vendida na casa

João Candido da Silva

na loteria de sabado
—15 de Fevereiro—

2968 em vigesimos 400.000$00

(Numero certo nesta casa)

Premios matores vendidos nesta casa

2968	400.000$00
2967	3.100$00
2969	3.100$00
1057	1.000$00
5750	1.000$00

Loterias á venda

A 22 de Fevereiro	400.000$00
A 1 de Março . . .	400.000$00

Bilhetes, meios, quartos, decimos, vigesimos e quadragesimos

LOTERIA DE SANTO ANTONIO

Premio maior
3.000:000$00
Segundo premio
600.000$00

Bilhetes, meios, quartos, decimos, vigesimos e quadragesimos

Preços correntes

Esta casa compra e vende aos melhores preços do mercado.
Notas e moedas estrangeiras, ouro portuguès, coupons e papeis de credito, e encarrega-se da renovação de Bilhetes do Tesouro sem encargos para o cliente.
Todos os pedidos devem ser dirigidos a

João Rodrigues da Costa, L.ª
SUCESSORES DE
João Candido da Silva
104, Rua da Prata, 106 — LISBOA

CARTAZ

TEATROS

Trindade—A's 20,20 e 22,30—«Feira da Luz».
Gimnasio—A's 21,30—«O homem das 5 horas».
Apolo—As 21.—«Mataram D. João.
Avenida—A's 21,30—Recita do actor Rafael Marques—«Maré de sorte»—«Anecdota».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«O Zé Povinho».
Coliseu dos Recreios—A's 21,30 e ás 22,45—Nova companhia de circo.

ANIMATOGRAFOS

São Luiz Cine—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 ás 0,30.
Central Cinema—A's 21.
Cinema Condes—A's 21.
Odeon—A's 21.
Royal Cine, Rua da Graça, 100—A's 21,
Salão Ideal—A's 20,30.
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina).—A's 20,30.
Eden Cinema—R. Alvito, Alcantara.

Dancing's

Maxim's—Baile e Variedades.
Bristol Club—Baile e Variedades.

TEATRO DA TRINDADE

A's 8 1|2 e 10 1|2 Duas sessões
Companhia Fortense Luz
Do que faz parte o actor Nascimento Fernandes
A gloriosa e popularissima revista
FEIRA DA LUZ

TEATRO AVENIDA

Tel. T. 5356 — HOJE — A's 9 1/2
Espectaculo unico e sensacional
Festa artistica do actor **Rafael Marques**
Programa brilhantissimo com as peças
MARÉ DE SORTE
E
A ANECDOTA

TEATRO APOLO

HOJE: A's 9 horas e meia
Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo
Espectaculo de grande sensação
com a peça de maior exito, recente, em toda a Espanha
Mataram D. João

FUNERAES — TEL 1094 N
MARIO MILHEIRO
RUA DOS ANJOS, 131
SERVIÇO PERMANENTE
PREÇOS RESUMIDOS

Avenida Stand Ltd.
57, Rua Jardim do Regedor, 59
Tel. T. 5084
Sortimento de accessorios para automoveis, peças, pneus e ferramentas.

ESTRANGEIRO

MADAME
Deseja trazer o cabelo bem cortado e ondulado?
Visitae o **Golden Palace**
Praça dos Restauradores, 11, s|l—Tel. T. 3115

REVISTA DAS REVISTAS

A SEMANA Internacional

POLITICA

Técnica e Ambigüidade

Um distinto jornalista que se oculta sob o pseudonimo de «Candide» escreve, na indiscreta secção *Doit-on le dire?* do «grande hedbomadáro parisiente e literario» que, numa hora feliz, foi buscar a Voltaire um titulo feliz:

«Os jornais mantêm com grandes despesas enviados especiais á Conferencia de Londres que dura ha já três semanas e ameaça prolongar-se. Talvez seja uma despesa inutil.Quem é que lê ainda os telegramas dos enviados especiais?

«Para lê-los, seria preciso coompreender e não é muito certo que os proprios informadores compreendam. Emprega-se uma linguagem tal que, para descobrir lá dentro qualquer coisa, seria necessario ser pelo menos engenheiro naval.

«Trata-se no entanto de interesses consideraveis. O nosso futuro e a sorte do mundo estão em jôgo na conferencia, ao que se diz. Mas os técnicos desanimaram a atenção.

«Dir-se-ia que o fazem de proposito. O nosso seculo é o seculo da técnica. E' tambem o da ambiguidade. As democracias, pessoas crescidas, deviam tratar por si dos seus negocios. A diplomacia devia deixar de ser secreta. Chegaram os especialistas. Assenhoreiam tudo. E, pelo seu vocabulario indecifravel, envolvem-se de misterio como a lula que lança o seu liquido negro para se tornar invisivel no meio das aguas».

... «Os técnicos são os nossos medicos de Moliére. Ainda o medico, mesmo não escrevendo as suas receitas em latim de farmacia, obedece a um pensamento humano quando redige de tal modo que o doente guarda ainda ilusões sôbre o seu estado. Afinal, talvez os técnicos se sirvam de sinais cabalisticos que fogem á compreensão do vulgo para que a pílula seja melhor de engulir pelas livres democracias».

Candide resume assim, com a agudeza de observação e a clareza de exposição que caracterizam o espirito crítico francês, duma forma que classificamos de notavel, a opinião publica em face da Conferencia de Londres, não só em França, mas em todo o mundo, como o provam a série de desenhos publicados por *Life*, orgão *oficial* do humorismo americano, subordinada ao titulo genérico: «O desarmamento começa em casa de cada um!», a ofensiva satírica dos caricaturistas das Altas Partes Contractantes, os comentarios scépticos ou a ausencia de comentarios da imprensa que «faz opinião».

LETRAS

Retrato de Emil Ludwig

Henry Bordeaux, autor de conhecidos romances (*Les Rocquevillards, La Robe de laine, La Croisée des Chemins, La Peur de vivre* e outros), evoca na *Revue de Paris* o seu encontro com Emil Ludwig em Outubro do ultimo ano.

Emil Ludwig é um autor alemão cujas grandes biografias de Gœthe, de Napoleão e de Bismarck revolucionaram o mundo das letras pela nova maneira, que revelaram, de escrever livros da historia.

«A estatura é acima da mediana, sem ser elevada. As espáduas são fortes, o aspecto jovem e vigoroso. A cara completamente rapada, emoldurada por cabelos negros bastante compridos, surpreende-me, porque nada tem da raça germanica. Compararam-na, na sua juventude, á de Lord Byron. As feições são regulares como as dum modelo italiano. Tudo no aspecto, o gesto, a voz, o olhar, é desembaraçado, facil, insinuante, quasi felino, indica a arte de agradar e o poder concentrado. Quere simultaneamente persuadir, seduzir e prender».

Henry Bordeaux falou-lhe do seu ultimo livro, «Julho de 1914», que provoca na Alemanha acesas discussões. Emil Ludwig considera o falecido Stresemann um verdadeiro «europeu», no sentido politico do termo. E como Bordeaux, muito francês, lhe ripostasse que Stresemann tinha sido «um europeu que nunca esquecera a Alemanha», Ludwig retorquiu: «Sim, mas aumentou e melhorou constantemente o seu ponto de vista, e não será isso caracteristico dos grandes homens? A vida e os cargos publicos levaram-no a mudar de opinião, e o seu partido nunca lho perdoou. Morreu vitima do seu partido, gasto por ele, quando desejava a união dos partidos numa Alemanha pacifica».

Mas Henry Bordeaux não se convenceu...

Roland de Marés resume no *Temps* a biografia do famoso escritor:

«Filho dum oculista de Breslau, conheceu, quando pequeno, em casa de seu pai, homens como Haeckel, Virchow e Schlimann, e, desde muito novo, orientou-se para as letras. Emil Ludwig tem hoje apenas cincoenta anos. Vive a maior parte do ano numa casa de campo que mandou construir na aldeia de Alcona, nas margens do Lago Maior».

Emil Ludwig é sem duvida um espirito superior predestinado a compreender as grandes figuras do passado, evocando-as e fazendo-as reviver em toda a sua fôrça interior, pelo que merece a admiração e o respeito dos seus contemporaneos.

«Autodemolição»

Aproveitando a ocasião para assinalar o aparecimento do primeiro numero duma interessante revista de «informação quinzenal da vida hispano-americana», novamente dada á estampa em Madrid sob a direcção de Pablo Abril Vivero e com o titulo *Bolivar*, reproduzimos gostosamente algumas passagens dum inédito da poétisa argentina Alfonsina Storni, de que o publico letrado conhece certamente o dedicado poema «Capricho» que Bertha Singermann nunca perdia a oportunidade de recitar:

«Já me tinham acontecido na vida coisas extraordinarias; por exemplo: ser mulher e ter senso comum; tê-lo e, apesar disso, escrever versos; escrevê-los e sairem bons; mas nunca tinha imaginado que me resolveria alguma vez a falar um pouco, apenas um pouco, mal de mim mesma, intentando a minha propria demolição, convencida de que na vida devemos tender ao menor esfôrço, uma vez que, dedicados a esta tarefa, existem oficiosos amigos.

... «Falarei primeiro do invólucro, cofre, estôjo, bainha, casa ou corpo em que se encontra felinamente recolhida a minha alma astral. Ai! Tema miseravel altura, 1,57; cubagem: não existe; um nariz que salta violentamente contra o céu; dois olhos oblíquos azul ardósia; uma nuvenzita loiro-cinza por cabelos que, sábiamentet recortados por um modesto cabeleireiro de seis pesetas e não tendo outra coisa que fazer, se cinje prolixamente ao craneo, e um pé bastante grande (calçado numero 37)».

Depois, Alfonsina Storni doseia nesta «proporção curiosa» a «substancia: alma, luz, essencia, eu absoluto, encerrados em tão escassa armadura»:

«Instinto...	20	por	cento
Fantasia e sentimento...	9	»	»
Coração	1	»	»
Açucar...	70	»	» »

Fala depois dos seus seis livros, classificando-os:

La Inquietitud del Rosal, «livro tão mau como inocente, escrito entre cartas comerciais»; *El Dulce Dano*, em que encontra «despreocupação da forma, extravagancia e excesso de literatura»; *Irremediavelmente*, que diz «sobresaturado de açucar»; *Languidez*, a que censura a «excessiva sobriedade»; *Ocre*, onde vê «excesso de raciocinio e uma antipática ironia»; *Poemas de Amor*, a que critíca apenas, generosamente, «a sua brevidade».

«Dos meus defeitos morais — termina Alfonsina Storni — não me atrevo a falar. As mulheres mos criaram: elas conhecem-nos melhor que eu e, humildemente, suporto-os sem os disfrutar. Acrescentarei que sou profundamente estupida. E se alguem disso duvída, rogo-lhe que releia duas ou três vezes este artigo».

São raros os auto-retratos fieis. Não conhecemos Alfonsina Storni, não podendo portanto discutir a sua «Autodemolição». Mas, entre os seus risonhos paradoxos, não é dificil perceber tudo o que existe de incompreensivel e desconcertante numa alma de mulher.

SCIENCIA

Um Robinson voluntário

Não é só nos filmes nem nos romances tropicais, de que «Sombras Brancas», de Van Dycke, e «Vasco», de Marc Chadourne, continuam sendo os modêlos preferiveis, que os homens procuram a felicidade e o isolamento (meio-caminho andado para a felicidade) nas ilhas virgens de civilização do Pacifico Meridional, procurando acomodar-se aí a uma nova vida, de dados primitivos, á semelhança desse atrevido marinheiro oitecentista cuja aventura havia de imortalizar Daniel Defoe.

Existem de facto émulos voluntarios da Robinson Crusoe. E muito embora, descrendo da aparição dum caixote providencial, cheguem á sua ilha munidos de carabinas certeiras, munições, fogões portateis, fatos impermeaveis, e até aparelhos radiofonicos, não é menos para admirar a sua abnegação. Porque é geralmente aos estudos (de certo modo forçados, por inocupação...) destes exploradores misantropos que a geografia, a mineralogia, a zoologia e a botanica devem as suas mais recentes aquisições.

O semanario berlinense *Die Woche* relata a longa permanencia do Doutor Karl Ritter, de Berlim, nas Ilhas Galapagos, onde estudou as primitivas condições de vida da humanidade, não se apetrechando para isso de forma especial mas engendrando ele proprio, á maneira dos herois de Julio Verne, os utensilios de que necessitava.

Die Woche reproduz interessantissimas gravuras, não só de fotografias — uma do proprio Dr. Ritter, que não dispensou por razões puramente scientificas, munir-se dum aparelho fotografico, e em que se vê uma paisagem verdadeiramente edénica, outras mostrando aspectos da ilha Juan Fernandez, na costa chilena, onde viveu o inglês Alexander Selkirk, que serviu de modêlo a Daniel Defoe —, mas tambem de ilustrações da edição alemã de *Robinson Crusoe*, publicada em 1836.

A ilha Juan Fernandez é hoje muito visitada por turistas, não podendo portanto servir de «laboratorio» aos sábios apaixonados de antropologia.

Se um romancista alemão contemporaneo se lembrar de narrar com talento as aventuras do dr. Karl Ritter na sua ilha abandonada, talvez no seculo XXII suceda o mesmo ás Ilhas Galapagos. Para onde irão então refugiar-se os homens anciosos de solidão e de sossêgo?

Cosinha scientifica

Paris, velha cocotte geografica, guarda ainda preocupações de excentricidade que, se não ficam bem á sua pretensão de Cidade-Luz, assentam lindamente com as preferencias cabotinas de «Tout-Paris». Inaugurou-se assim na capital da França um misterioso «Instituto Scientifico de Higiene Alimentar» dirigido por um tal Dr. de Pomiane, cujo pomposo titulo basta para ameaçar os estômagos mais refratarios.

Em França existe um verdadeiro snobismo gastronomico, que vem desde os tempos de Brillat-Savarin, autor dessa extraordinaria «Psychologie du Gout», bíblia do comilão consciente, que deve figurar em todas as bibliotecas de ambições ecléticas. Existe tambem um snobismo culinario bem mais perigoso do que aquele, que se limita a recomendar este ou aquele restaurante em voga. O snobismo culinario não se contenta em provar e ingerir beatamente pratos mais ou menos complicados. Os criticos transformam-se em artistas, preparando eles proprios os mais abracadabrantes petiscos.

Num espirituosissimo artigo intitulado «La cuisine en smoking», Georges Champeaux descreve em *Gringoire* uma lição do dr. de Pomiane no I. S. H. A.:

«O dr. de Pomiane não faz cosinha habilidosa. Faz cosinha scientifica, o que é muito diferente.

«Exemplo de cosinha scientifica. Os senhores sabem, decerto, que se salgam os alimentos. Mas a razão porque se salgam, ignoram-na.

O dr. de Pomiane vo-lo dirá:

«— Salga-se porque as nossas papilas gustativas não ficam plenamente satisfeitas senão em presença dum alimento tão salgado como o liquido sanguíneo, quere dizer: salgado a 7 por cento.

«Outro exemplo, a *mayonnaise*. Para ter a certeza de a acertar, é preciso compreendê-la»... «Mas ela tem o seu pudor: só se revela ao microscópio:

«— Ponho primeiramente na placa do aparelho um pouco de gema de ovo. Que vejo? (Desenho no quadro.) Pronto. Parece um firmamento. Uma infinidade de particulas moveis. São os chamados movimentos brownianos...»

Si non é vero...

LEONARDO

Dr. Tedeschi Neves
ASMA E BRONQUITES
Novo tratamento de resultados rapidos.
R. da Prata, 166, 2.º — Das 12 ás 16

AGENCIA FUNERARIA
Manuel Ferreira dos Santos
RUA DE ARROYOS, 211
Telef. N. 815 Serviço permanente

V. Ex.ª quere ser feliz?
Compre jogo no José Pedro
173—Rua Arco Bandeira—173
Bilhetes a .... 180$00
Vigesimos a .... 9$00
Quadragesimos a .... 5$00
Pelo correio mais 1$00

O DIARIO DE LISBOA e SEMPRE FIXE vendem-se, na Covilhã, na casa José Guimarães Costa.

ODEON Formidavel Exito
da realização alemã
A NOIVA 68
e da comedia deliciosa de graça
LUA DE MEL

ULTIMAS NOTICIAS

GARAGE AGUIA D'OURO
Avenida Cinco de Outubro, 125
Telefone N. 5832
Aberta toda a noite Estação de serviço
Gasolina, oleos e pneus. Completo sortido de acessorios e peças sobrecelentes
Secções de: mecanica, casquinheiro, electricidade e pintura

NA ASSOCIAÇAO COMERCIAL

UMA REUNIÃO

para tratar

da questão do horario de trabalho

O Govêrno nomeou uma comissão para codificar a legislação referente ao horario de trabalho. Como representantes das associações economicas, fôram nomeadas quatro pessoas.

A Comissão Executiva da União dos Interesses Economicos, entendendo que dessa comissão devem fazer tambem parte representantes doutras classes de Lisboa e da provincia, resolveu convocar uma reunião dos delegados das associações economicas da capital, do Porto, de Coimbra e de Setubal, a fim de se trocarem impressões ácêrca do horario de trabalho e de se nomear uma comissão que vá junto do sr. ministro das Finanças pedir que na comissão codificadora sejam incluidos mais elementos.

Essa reunião realizou-se hoje, ás 14,30, na séde da U. I. E., na Rua Eugenio dos Santos.

Presidiu o sr. Antonio Ferreira da Silva.

Usaram da palavra os srs. Joaquim Lança, Alfredo Moura, Antonio de Almeida Lobo Antunes e J. Alcobia Mariano Coelho e José Pereira Duarte.

Todos estes oradores manifestaram a necessidade que ha de se estudar o problema, de modo a evitar graves prejuizos, não só para o comercio e para a industria, mas até para os empregados, afirmando alguns deles que, se se fizer cumprir a lei do horario de trabalho, tal como está publicada e regulamentada, aumentará ainda o numero dos desempregados.

A reunião continua á hora a que escrevemos.

A visita dos quintanistas

de medicina a Madrid

MADRID, 17 (Pelo telefone)—No «rapido» chegaram esta manhã os membros da comissão organisadora da visita dos quintanistas de medicina a esta cidade. Na estação, eram os srs. drs. Damas Móra e Luiz Ventura aguardados pelo embaixador de Portugal, sr. Melo Barreto, pelo director geral de ensino superior e por muitos professores e alunos da Faculdade de Medicina. Da estação dirigiram-se os medicos portugueses, acompanhados do Embaixador de Portugal, ao edificio da Faculdade de Medicina da Univresidade, onde foram recebidos por todo o corpo docente e pelos estudantes.

Depois de trocados os cumprimentos foi levantado um viva a Portugal, correspondido com entusiasmo pelos estudantes, que á saida rodearam o automovel que transportava os srs. drs. Damas Móra e Luiz Ventura, acompanhados pelo sr. Melo Barreto, tendo-se repetido os vivas e as aclamações ao nosso país.

Os trapeiros e ferros-velhos

ainda não acabaram

Como o *Diario de Lisboa* noticiou, os estabelecimentos de ferros-velhos, papeleiros e trapeiros estavam ameaçados de fechar as suas portas, por determinação da Camara Municipal.

Uma comissão delegada da classe avistou-se, porém, com o sr. coronel Mardel Ferreira, a quem expoz os prejuizos que semelhante resolução lhes acarretava.

O vice-presidente da Camara Municipal, depois de examinar atentamente as razões invocadas pelos trapeiros e ferros-velhos, avistar-se-ha com o Director Geral de Saude, a fim de estudar a melhor maneira de resolver o assunto, sem prejudicar centenas de pessoas e de harmonia com os preceitos de higiene.

Viajantes

No «sud-express», seguiu hoje para Paris a sr.ª D. Alzira Costa, esposa do sr. dr. Afonso Costa.

—A bordo do «Africa» regressaram hoje á metropole os majores srs. Melo Vieira e Lima.

EM VIAGEM DE RECREIO

CHEGOU A LISBOA

com numerosa comitiva

um milionario americano

que parece ser o rei do ouro

Nem só através dos jornais estrangeiros os seus sensacionais telegramas nos é dado conhecer a vida fantastica dos «reis» americanos e, por vezes, são eles que vêm até nós, permitindo-nos a descrição directa, «real» e verdadeira.

E' o caso dum dos mais opulentos norte-americanos que, ha alguns dias, leva entre nós faustosa vida, a sua vida de todos os dias, afinal.

Trata-se do sr. John Hays Hamound que a Lisboa chegou ocupando quasi uma ala de «cabines» da cidade flutuante que é o gigantesco transatlantico «Cap Arcona».

E com o sr. Hamound e esposa, chegou a Lisboa a sua comitiva de secretarios, criados, enfermeira e bagagem de quarenta e seis malas, sendo vinte e três de mão, todo um cortejo de automoveis e carroças.

Anteriormente foram reservados para a côrte do sr. John Hays Hamound sete aposentos que está principescamente ocupando e pelos quais pagará diariamente, e com os consequentes extraordinarios, a bagatela de aproximadamente dois mil escudos, na realidade uma bagatela para o rico homem norte-americano.

Mas, quem é o sr. Jonh Hays Hamound?

Os representantes da Casa Ford, em Lisboa, sabem apenas que o proprio Edsel Ford, filho do celeberrimo Henry Ford, se dignou escrever com o seu proprio punho—facto raro que os alarmou—anunciando a chegada do sr. Hamound e ordenando que de Barcelona viesse para Lisboa o melhor automovel dos fabricados pelo homem das «séries».

E de Barcelona veiu o imponente «Lincoln» com um imponentissimo e alto funcionario da agencia, ficando ambos ao serviço do sr. Hamound que no monumental automovel tem passeado por Sintra, Cascais e até por S. Vicente, pois como todos os americanos que vêm a Lisboa teve o macabro capricho de visitar o panteon régio, cujas portas se abriram excepcionalmente em atenção á qualidade, ou antes «quantidade» do visitante.

Alguem que tem andado perto do sr. Hamound informa-nos que ele é o «rei» do ouro», isto é, o rei dos reis da America do Norte.

Nesta epoca em que os reis são tão raros, que mais poderia pedir o reporter?

Mas, por informações de quem conhece a vida que o sr. Jonh Hays Hamound tem feito em Lisboa, soubemos que esteve jantando na Embaixada de Inglaterra e, de informação em informação, que ele proprio foi Embaixador dos Estados Unidos em Londres, o que aos leitores não deve admirar sabendo que os diplomatas da America são recrutados entre os americanos de mais dinheiro, e que milionario era o simpatico sr. Thomaz Birch que entre nós ocupou tão elevado cargo.

O sr. Hamound, que vem apenas em viagem de recreio, aparenta ter bons setenta anos, e outros tantos deve ter sua esposa, senhora de bela cabeça prateada que diariamente exibe novas e caras joias que, bem como os seus variados casacos de peles, causam o espanto dos que têm contemplado tais riquezas.

Tentámos falar ao potentado nosso hospede, mas entre o sr. Hamound e o mundo existe um secretario que não tem tempo para nos atender, porque o tempo é dinheiro e porque lhe falta tempo para cuidar do seu rico amo.

E, após a visita a Lisboa, segue para Sevilha o sr. Hamound que já fez reservar uma carruagem do caminho de ferro do Sul e Sueste, uma carruagem completa para ele e para a sua comitiva, entre a qual figura uma personagem que ele bem dispensaria se tivesse mais saude, a troco de ter menos dinheiro: a sua enfermeira.

Sirva-nos a presença da enfermeira do sr. Hamound para não invejarmos a sorte do «rei» do ouro...

Recordações de jornalismo

(Continuação da 4.ª página)

—Os homens agora são outros?...—preguntamos para provocar resposta.

—Não. O tempo é que é outro. Um ritmo mais apressado. Tudo isto bate mais depressa. Outros interesses, outra vida. O que havia então—não sei se erro—era mais generosidade, mais «panache». O «sport» do tempo era a «marialvice» e a gentileza; jogava-se o sôco quando era preciso (grande scena a do Navarro com o Radiche, á porta da Bertrand!), e defendiam-se as mulheres. O Navarro, com aquela aparencia violenta, um *ouriço*, como lhe chamavam, era um santo.

E na conversação animada, cheia de lucidez e de scenario dramatico, passam muitos do tempo, jornalistas ou ligados a jornalismo: Gualdino Gomes, de quem Machado Correia fala enternecidamente; Schwalbach, que foi o director da *Tarde*, jornal onde em 89 se estreou Machado Correia; Antonio Enes, o do *Dia*, duro, mas nobre; Fialho, Abel Botelho, Alberto Braga, o Padre Brandão, Marcelino Mesquita, muitos. Lembra D. João da Camara:

—Aparecia pouco pelas *Novidades*. Era uma sombra. A bondade e a fidalguia. Era de vêr as suas conversas com o Eduardo Garrido. Falavam horas esquecidas. Ninguem ouvia nada. Ciciavam. Gesticulavam. Desenhavam catedrais com os gestos. Mas só eles sabiam do que tratavam.

Antonio Enes é reproduzido por Machado Correia, no seu feitio vernaculo de jornalista, director que conversava uma hora com os redactores antes de escrever, e deixava abandonadas, por distracção, as cigarreiras de prata, e que lhe iam depois meter na gaveta, e chegou a juntar, assim oito.

Machado Correia faz o elogio do jornalismo de hoje, talvez mais dificil, onde ha talentos e afirmações.

—Mas o tempo é outro... Mais peias... Tudo apressado. Um ambiente que é em geral menos humano, mais egoista, e de que o jornalismo não tem culpa. Se soubesse quanto me comoveu ha dias a manifestação dos rapazes!...

E passa ainda em revista os jornais onde trabalhou—é quasi uma lista para a Biblioteca—, e diz que ainda ha-de ir ao Brasil outra vez, onde fez jornalismo durante 10 anos felizes, e diz que «isto do teatro» hoje está mau, e logo volta a falar do Navarro, a sua grande admiração, o seu idolo jornalistico, o seu exemplo, como homem da pena, como director «moderno».

E acaba com uma anedota, irreproduzivel por estarem vivos os protagonistas, e logo, no estribilho adoravel dos 70 anos môços:

—Mas isto é só cá para nós, rapazes...—N. DE A.

PARA VISITAR A EUROPA

UMA EXCURSÃO

de estudantes

da Universidade de Buenos Aires

Chegaram hoje ao Tejo, a bordo do paquete alemão «Gotha», do Norddeutscher Lloyd, vinte e dois alunos da cadeira de arquitectura da Universidade de Buenos Aires.

O paquete atracou ao cais de Alcantara pelas 14 horas, entrando imediatamente a bordo o sr. Alexandre Soares, professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, que se fazia acompanhar por cêrca de vinte alunos e alunas da cadeira de arquitectura.

O professor sr. Eugéne Giralt que acompanha os academicos, recebeu os cumprimentos do sr. Alexandre Soares, trocando-se tambem entre os estudantes portugueses e argentinos afectuosas saudações.

Conseguimos conversar alguns minutos com o sr. dr. Eugéne Giralt. E' uma figura simpatica de professor e, segundo nos disseram os alunos, um dos nomes de maior cotação no meio intelectual argentino.

—E' a primeira vez que venho a Portugal. Apesar de não ter desembarcado ainda, o que tenciono fazer dentro de poucos minutos, devo dizer-lhe que me ficou gravada a melhor impressão da entrada no Tejo e do magnifico panorama que apresenta esta grandiosa cidade, vista do rio.

—A viagem?

—Foi magnifica. Viemos de Buenos Aires para Lisboa, tendo sido o Funchal o ultimo porto onde tocámos.

Elucidando-nos, o sr. dr. Giralt diz:

—Trata-se de uma viagem de estudo, subsidiada pelo govêrno argentino. Amanhã partimos pela via ferrea com destino a Sevilha.

E acrescenta:

—Visitaremos a Exposição, seguindo depois para Cordova, e daí para Granada, Saragoça e Barcelona, devendo conservarmo-nos tambem alguns dias na capital espanhola.

—Regressam depois á Argentina?

—Não. Visitamos ainda Paris e Burgos, embarcando em Vigo com destino á nossa Patria.

O sr. dr. Giralt disse-nos ainda que a Argentina atravessa, neste momento, um periodo de ressurgimento artistico cultivando-se principalmente o renascimento italiano e francês.

Pelas 15 horas os excursionistas desembarcaram seguindo em automoveis numa visita aos monumentos da cidade.

* * *

Os estudantes argentinos visitam amanhã o Palacio da Ajuda, acompanhados dos professôres da Escola de Belas Artes desta cidade, srs. José Alexandre Soares, D. José Pessanha e dr. João Barreira.

Ministros em viagem

No «rapido» de Madrid, regressaram esta tarde a Lisboa, vindos de Elvas, a onde foram assistir á cerimonia da imposição das insignias da Torre e Espada no estandarte do Municipio daquela cidade, os srs. presidente do ministerio e ministros do Interior, da Guerra e da Marinha.

Paquete «Colonial»

Chega amanhã de manhã ao Tejo o novo paquete «Colonial», da Companhia Colonial de Navegação, que ha pouco foi adquirido em Londres por aquela empreza.

Aonde passar o Carnaval?
No Palace Hotel do Bussaco,
Palace Hotel da Curia
e Hotel Astoria de Coimbra